

CAPÍTULO I

Primeiros erros

A manhã do primeiro domingo do mês de abril de 1813 prometia um daqueles belos dias em que os parisienses veem pela primeira vez no ano as calçadas limpas de lama e o céu sem nuvens. Antes do meio-dia, um cabriolé de mola puxado por dois elegantes cavalos surgiu na Rua Rivoli vindo da Rua Castiglione e parou atrás de diversas viaturas estacionadas junto ao portão de ferro, de novo aberto para a esplanada das Feuillants. A lesta viatura era conduzida por um homem de ar pesaroso e adoentado. Os cabelos grisalhos mal cobriam a sua cabeça macilenta e faziam-no velho antes do tempo. Lançou as rédeas ao laçao que seguia o cabriolé a cavalo e desceu para amparar entre os braços uma jovem cuja delicada beleza despertou a atenção dos ociosos que passeavam pela esplanada. A jovem deixou-se envolver complacientemente pela cintura quando se ergueu na beira da viatura e rodeou com os braços o pescoço do seu guia, que a pousou no passeio sem amarrotar o enfeite do seu vestido verde de repes. Um amante não teria sido tão cuidadoso. O desconhecido devia ser o pai da jovem, a qual, sem lhe agradecer, lhe pegou com familiaridade pelo braço e o puxou arrebatadamente para o jardim. O velho pai reparou nos olhares maravilhados de alguns jovens, e a tristeza estampada no seu rosto dissipou-se por um momento. Ainda que há muito tivesse alcançado a idade em que os homens se devem contentar com os prazeres enganadores que a vaidade permite, pôs-se a sorrir:

— Julgam que és minha mulher — disse ao ouvido da jovem, empertigando-se e caminhando com uma lentidão que a exasperou.

Parecia ter orgulho na filha, e talvez apreciasse mais do que ela os olhares que os curiosos lançavam aos seus pezinhos calçados com borzequins de fazenda de cor cinza, à sua silhueta deliciosamente desenhada por um vestido conjugado com um casquinho de seda ajustado acima da cintura e ao pescoço viçoso que uma meia gola bordada deixava parcialmente a descoberto. O movimento dos passos da jovem elevava por instantes o seu vestido, permitindo vislumbrar acima dos borzequins a curvatura de uma perna delicadamente moldada por uma meia de seda. Vários passeantes ultrapassaram o casal para admirar ou para voltar a ver o rosto da jovem, em volta do qual dançavam alguns canudos de cabelo castanho e cuja alvura tanto era realçada pelos reflexos da seda rosa, que punham em evidência um elegante chapéu, como pela determinação e impaciência que cintilavam nas feições da bonita jovem. Uma doce malícia animava os seus belos olhos negros, amendoados, dominados por sobrancelhas bem desenhadas, bordados por longas pestanas mergulhadas num fluido puro. A vida e a juventude exibiam os seus tesouros no rosto rebelde e no busto ainda gracioso, apesar do cinto colocado sob o peito. Insensível à adoração de que era alvo, a jovem olhava com certa ansiedade o Palácio das Tulherias, sem dúvida o objetivo do seu impetuoso passeio. Era meio-dia menos um quarto. Por matinal que fosse a hora, diversas mulheres que tinham querido exhibir os seus trajes regressavam do palácio, não sem voltar a cabeça com um ar contrariado, como que arrependidas de terem chegado demasiado tarde para desfrutar de um espetáculo desejado. Algumas palavras escapadas ao mau humor das belas passeantes desapontadas e apanhadas no ar pela jovem desconhecida inquietaram-na particularmente. O velho observava disfarçadamente, com um olhar mais diligente do que propriamente divertido, os sinais de impaciência e de receio estampados no rosto encantador da filha, e fazia-o, porventura com certo desvelo, procurando evitar qualquer preconceito paternal.

Aquele domingo era o décimo terceiro do ano de 1813. Dois dias depois, Napoleão partiria para a fatal campanha militar em que viria a perder sucessivamente Bessières e Duroc, a ganhar as memoráveis Batalhas de Lützen e de Bautzen, a ver-se traído pela Áustria, pela Saxónia, pela Baviera e por Bernadotte e a disputar a terrível Batalha de Leipzig. Das últimas magníficas paradas militares comandadas pelo imperador, esta deve ter sido a que suscitou durante mais tempo a admiração dos parisienses e dos estrangeiros. A velha guarda executaria, pela última vez, as hábeis manobras cujas magnificência e precisão surpreendiam por vezes até o próprio gigante, que se preparava então para o seu duelo com a Europa. Um sentimento de melancolia trouxera às Tulherias uma multidão distinta e curiosa. Toda a gente parecia adivinhar o futuro e talvez conjeturasse que, mais de uma vez, a imaginação traçaria o quadro deste cenário nos tempos heroicos em que a França assumira, como hoje, uma aparência quase fabulosa.

— Vamos mais depressa, meu pai! — disse a jovem com ar travesso, puxando pelo idoso. — Já oiço os tambores.

— São as tropas que entram nas Tulherias — respondeu o pai.

— Ou que saem, toda a gente se está a ir embora! — replicou ela com uma tristeza infantil que fez o velho sorrir.

— A parada só começa ao meio-dia e meia — disse o pai, que caminhava quase a reboque da impetuosa filha.

Pelo movimento que a jovem imprimia ao braço direito, dir-se-ia que se servia dele para correr. A sua mãozinha, convenientemente enluvada, amarrotava impacientemente um lenço e assemelhava-se ao remo de um barco que fende as ondas. O idoso sorria de vez em quando, mas em certos momentos uma expressão preocupada entristecia-lhe esporadicamente o rosto magro. O seu amor pela bela criatura tanto lhe permitia maravilhar-se com o presente como temer o futuro. Parecia pensar: «Ela hoje está feliz, mas sê-lo-á sempre?» Muitas vezes, os velhos projetam no futuro dos jovens as suas próprias angústias.

Quando pai e filha chegaram ao peristilo do pavilhão no cimo do qual drapejava a bandeira tricolor e por onde os passeantes

iam e vinham do Jardim das Tulherias para o Carrossel, as sentinelas gritaram-lhes com voz possante:

— Já não se pode passar!

A jovem elevou-se nas pontas dos pés e pôde assim entrever uma multidão de mulheres enfeitadas que se acumulavam dos dois lados da velha arcada de mármore por onde o imperador deveria passar.

— Estais a ver, meu pai? Saímos muito tarde.

O seu beicinho triste traía a importância que dera à sua presença nesta parada.

— Ora, Julie... Vamos andando, tu detestas encontrões...

— Fiquemos neste sítio, meu pai. Daqui consigo ver o imperador. Se ele morrer durante a campanha, nunca o verei.

O pai estremeceu ao ouvir estas palavras egoístas. A filha tinha a voz embargada. Olhou-a e julgou notar sob as pálpebras descidas algumas lágrimas causadas não tanto pela impaciência como por um dos seus primeiros desgostos, cujo motivo secreto é fácil de adivinhar por um velho pai. De repente, Julie corou e lançou uma exclamação cujo sentido não foi entendido nem pelas sentinelas nem pelo velho. A este grito, um oficial que se dirigia do paço para as escadas voltou-se prontamente, avançou até à arcada do jardim, reconheceu a jovem parcialmente escondida pelos grandes barretes de pele dos granadeiros e, imediatamente, abriu uma exceção, para ela e para o pai, às instruções que ele próprio dera às sentinelas. Depois, sem se importar com os murmúrios da multidão elegante que rodeava a arcada, puxou delicadamente para junto de si a jovem encantada.

— Não me espanta a cólera nem o ardor deles, estando tu de serviço — disse o velho ao oficial, com um ar simultaneamente sério e zombeteiro.

— Senhor — respondeu o jovem —, se desejardes ficar bem situado, não devemos perder tempo a conversar. O imperador detesta esperar, e fui encarregado pelo grande marechal de lhe comunicar que tudo está preparado.

Enquanto falava, segurava com alguma familiaridade o braço de Julie, conduzindo-a rapidamente em direção ao Carrossel.

A jovem viu com grande surpresa uma imensa multidão que se aglomerava no pequeno espaço compreendido entre as muralhas cinzentas do palácio e os marcos ligados pelas correntes que desenham grandes quadrados sobre o saibro no meio do Paço das Tulherias. O cordão de sentinelas, estabelecido para deixar a passagem livre ao imperador e ao seu Estado-Maior, tinha bastante dificuldade em não ser ultrapassado pela multidão comprimida e que o envolvia como um enxame.

— Será que o espetáculo vai ser bonito? — perguntou Julie, sorrindo.

— Cuidado! — gritou o oficial, que agarrou a jovem pela cintura, erguendo-a com tanto vigor como rapidez e levando-a para junto de uma coluna.

Sem este brusco gesto, a sua curiosa parente teria sido esmagada pela garupa do cavalo branco, aparelhado com uma sela de veludo verde e dourado, que o mameluco de Napoleão segurava pelas rédeas, quase sob a arcada, dez passos atrás de todos os cavalos que aguardavam os grandes oficiais, companheiros do imperador. O jovem colocara pai e filha junto do primeiro marco à direita, diante da multidão, e com um sinal de cabeça recomendara-os aos dois velhos granadeiros, entre os quais se encontravam. Quando o oficial voltou ao palácio, um ar de felicidade e de alegria substituíra a expressão de súbito assombro que o recuo do cavalo lhe imprimira no rosto. Julie apertara-lhe misteriosamente a mão, fosse para lhe agradecer o pequeno favor que acabara de lhes prestar, fosse para lhe dizer: «Finalmente poderei ver-vos!» Inclinou levemente a cabeça em resposta ao cumprimento respeitoso que o oficial lhe dirigiu, bem como a seu pai, antes de aquele desaparecer com presteza. O velho, que parecia ter deixado propositadamente os dois jovens sozinhos, mantinha uma postura séria, um pouco atrás da filha, mas observava-a discretamente e esforçava-se por lhe transmitir alguma segurança, parecendo absorvido na contemplação do magnífico espetáculo que o Carrossel oferecia. Quando Julie lançou ao pai um olhar de discípulo preocupado com o seu mestre, o velho respondeu-lhe com um sorriso de benévola satisfação, mas o seu olho